

RICARDO LÍSIAS

A vista particular

ALFAGUARA


Copyright © 2016 by Ricardo Lísias

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Ilustração de capa

Celso Koyama

Preparação

Eduardo Rosal

Revisão

Clare Diament

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lísias, Ricardo

A vista particular / Ricardo Lísias. — 1^a ed. — Rio de Janeiro : Alfaguara, 2016.

ISBN 978-85-5652-027-2

1. Ficção brasileira. 1. Título.

16-07140

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 — Sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.objetiva.com.br

1

Em que conhecemos o artista plástico José de Arariboia e sua obra. Aparecem duas personagens coadjuvantes: a marchand Donatella e o traficante Biribó. Ficamos sabendo que Arariboia está mais distraído que o normal. Um incidente é anunciado, mas ocorrerá apenas no segundo capítulo, o que demonstra a ansiedade do narrador. Cai o dia na cidade maravilhosa.

I

José de Arariboia caminha devagar e, olhando para os dois lados antes de atravessar a rua, resolve esperar na esquina. Duas ou três vezes o sinal alterna entre o vermelho e o verde. Ele prefere observar os letreiros do comércio e continua parado. Há muitos anos José de Arariboia anda pelo bairro. Ele sempre viveu no Rio de Janeiro, em Copacabana, mas todo dia encontra um detalhe novo na arquitetura da região, um traço ingênuo em uma propaganda, alguma coisa que revela uma possibilidade nunca realizada. Talvez seja essa a principal característica da cidade maravilhosa: uma beleza incompleta. Uma cor que a gente nunca notou.

Se for para definir José de Arariboia, ele é esse sujeito atento aos detalhes, calmo e preso à vida urbana. Um artista essencialmente ligado à questão das cidades grandes, escreveu um crítico em certa ocasião. Ele não ficou esfuziante com a resenha. A empolgação além da conta, daquelas que dá para perceber a satisfação do cara, não é uma reação típica dele. Sem insinuar aqui nenhum interesse além da boa educação, José de Arariboia agradeceu em um rápido e-mail, dizendo que concordava com as palavras que tinha acabado de ler. Vamos tentar tomar um café um dia desses.

II

Com trinta e cinco anos completados há um mês, José de Arariboia já desenvolveu uma obra singular, com marcas próprias e consciente de suas intenções e limites. Outro crítico afirmou que ele é um artista de traços suaves, linhas calmas e cores delicadas, ainda que dispostas com muita personalidade no suporte, o que causa um choque com a temática recorrente, a cidade grande. Em outro e-mail rápido e educado, Arariboia agradeceu a generosidade da leitura. Obrigado.

Para a idade, ele já reuniu uma boa quantidade de avaliações e juízos críticos, embora ainda não tenha merecido nenhum estudo mais longo. Sua galerista, na reunião que tinham feito nessa mesma tarde, explicou que lhe falta um catálogo individual. A partir dele (e sobretudo da introdução que está para ser encomendada), sua obra vai alcançar um novo patamar. As notícias não param por aí, Donatella continuou, oferecendo-lhe outra xícara de chá. O Santander já confirmou o patrocínio do catálogo, em troca de apenas dois quadros. Sempre contido, Arariboia agradeceu, confirmou que organizaria os detalhes nos próximos dias e recusou mais chá. Está anotando e ele pretende voltar caminhando. É bom para espalhar, Donatella concordou, levando-o à porta.

III

Quem vê aquele homem andando não desconfia que ele acabou de ouvir tanta notícia boa. Não dá para perceber pela expressão fechada do rosto ou pelos passos distraídos que praticamente todos os sonhos de José de Arariboia estão para se realizar. Sua primeira exposição individual vai ser montada no Museu de Arte do Rio, o MAR, estrategicamente no mesmo período em que Georges Didi-Huberman deve dar uma série de conferências no auditório do prédio. A ideia é conseguir uma introdução do próprio Didi-Huberman para o catálogo. Donatella não vê motivos para o célebre intelectual francês recusar. Dali para o Centro Pompidou não faltará muito.

Na esquina da Sá Ferreira com a Nossa Senhora de Copacabana, região da cidade que emociona José de Arariboia a ponto de aparecer em muitas de suas telas, o artista não chama a atenção de ninguém. Só o corretor, na frente de uma imobiliária, o nota parado no farol sem atravessar a rua. O verde e o vermelho já se alternaram três ou quatro vezes. Cinco, no momento em que um porteiro decide perguntar se está tudo bem. Arariboia responde com um aceno tímido (ele nunca sorri por causa das manchas pretas nos dentes da frente), dá meia-volta e resolve entrar pela Sá Ferreira.

IV

O corretor demorou um pouco para encontrar na memória o dono daquele rosto: é o José de Arariboia, o menino que gosta de pintar e sempre anda meio distraído pelo bairro. O dono da tinturaria ao lado faz um gesto com o pescoço enquanto fecha a loja e, desinteressado, comenta que o conhece. Não é o filho do banqueiro? Ele mesmo, com a cara fechada de sempre.

Há praticamente cinquenta anos na região, os dois gostam de tomar uma cerveja antes de voltar para casa. Orgulhosos da própria memória, discutem pequenos acontecimentos da história da rua, relembram os moradores ilustres e os pitorescos e às vezes narram em tom dramático algum incidente mais desagradável, sobretudo quando aparece alguém para acompanhar a bebida. A tal violência do Rio de Janeiro nunca está na boca dos dois. Eles fazem questão de mostrar que são de outra geração. A praia também não faz parte daquelas histórias. O que lhes interessa é a fauna urbana carioca.

Quem conhece José de Arariboia sabe que ele mora no caminho contrário ao que tomou na noite de hoje. Até aqui ninguém o notou caminhando em direção ao morro Pavão-Pavãozinho. A essa hora, o movimento no acesso à favela é muito grande.

V

Ele está um pouco mais distraído que o normal, o corretor vai concluir, depois de ver o trecho do vídeo no YouTube que reproduzirá uma parte do caminho de Arariboia entre a Sá Ferreira e o momento em que ele se perde no Pavão-Pavãozinho. Ainda vai demorar alguns dias. O primeiro vídeo, porém, todo mundo assistirá naquela noite ainda. Menos o próprio protagonista, que só vai saber o que está acontecendo no dia seguinte.

A narrativa está mais rápida que a caminhada do José de Arariboia. Calmo, ele parece observar cada detalhe do comércio cercando a entrada da favela, o rosto das pessoas e a fachada suja do prédio onde parou. A câmera de segurança do condomínio está registrando com nitidez o rosto dele, o que é ótimo para o YouTube. Todo mundo vai concordar, depois de assistir ao vídeo, que ele não parece alterado. Um pouco mais distraído que o normal, com certeza. O Zé sempre foi meio avoado, um primo comentará em uma reunião de família, depois de assistir ao vídeo, já sabendo que o tio não perderá a oportunidade de dizer que artista é tudo assim.

Aqui me distanciei de novo do meu protagonista: ele não está ansioso de forma alguma.

VI

A paisagem que José de Arariboia distraidamente olha nunca esteve em seus quadros. Na série de telas que expôs até hoje não há um carro sequer. Pessoas, muitas, mas elas estão sempre diminuídas diante da natureza, que disputa espaço de igual para igual com a cidade grande. É o que um crítico, já citado aqui, afirmou. Como o texto é claro e ele autorizou a reprodução, copio literalmente:

“

.”*

Parece, enfim, que para um artista com a proposta de José de Arariboia a natureza e a cidade são maiores que as pessoas. A favela aparece em vários quadros, sem dúvida. Do contrário ele não poderia ter sido chamado de artista essencialmente carioca. Esse, porém, não é um ponto pacífico em sua recepção, já que para alguns críticos dizer que um artista é brasileiro não passa de comodismo. Como então afirmar que o Rio de Janeiro é a essência da obra de José de Arariboia? É preciso deixar claro que a polêmica apenas se ensaiou aqui e ali, já que Arariboia ainda está construindo uma obra e não tem cacife para suportar um debate mais amplo. Por enquanto.

* Cf.:

VII

O leitor talvez esteja confuso, pois até aqui descrevi a crítica que se formou em torno das telas de José de Arariboia, mas ainda não apresentei o próprio trabalho. Pois bem: são trinta quadros, de dimensões variáveis, em que o ambiente urbano se mistura à natureza sem deixar as fronteiras entre esses dois elementos muito claras. O mar e a favela, por exemplo, amalgamam-se em um conjunto de quatro telas de tons azulados muito intensos, todas em acrílico. Uma delas está reproduzida na próxima página.

Não resta dúvida de que, em todos os quadros, a cidade é o Rio de Janeiro: o mar e a praia de Copacabana já vieram à lembrança do leitor, bem como as favelas e o Cristo de braços abertos que, afinal de contas, não pode faltar. Curiosamente, o Pão de Açúcar aparece apenas duas vezes. Quem sabe o rótulo de “pintor carioca” tenha recaído em José de Arariboia pelo fato de a prefeitura da cidade ter comprado seis de seus quadros. Se não foi isso, é a fama de carioca da gema que seu pai tem desde ainda antes de assumir a direção no Brasil de um dos principais bancos do mundo. A tela a seguir é um exemplo do uso que Arariboia faz não apenas da perspectiva, mas de todo o jogo de dimensões. As pessoas estão ali, mas o leitor vai demorar algum tempo para identificá-las.